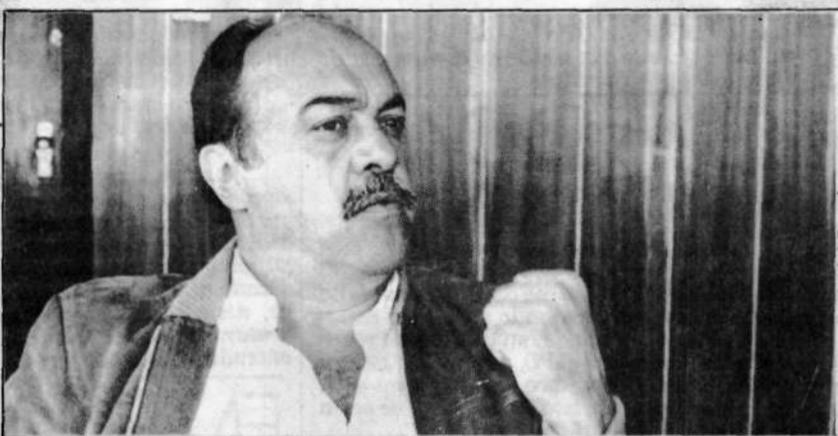


# "Os sindicatos é que devem usar os partidos e não o inverso"

10 AGO 1987

JORNAL DA TARDE

Consultor político do Sindicato dos Eletricistas de São Paulo, o sociólogo Aloysio Azevedo pode ser considerado um dos incentivadores de um sindicalismo de novo tipo no Brasil. Não se trata, como ele explica nesta entrevista ao *Jornal da Tarde*, de nada original, mas do resgate da transição do sindicalismo brasileiro, inicia-



Aloysio Azevedo: "Começa a surgir o novo".

da com a abertura política no final da década passada. No lugar do velho sindicalismo, com ranço assistencialista, jurídicista e burocrático, começa a surgir o novo, que visa a resultados e é pragmático e apartidarizado.

O então sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva, hoje presidente do Partido dos Trabalhadores (PT), foi a expressão do novo, no início da abertura política. Envolvido, contudo, com os interesses específicos da classe trabalhadora, de um lado, e com a transição democrática, de outro, ele acabou optando pela segunda luta e, em consequência, pela sua partidização. O novo, de qualquer forma, já era irreversível, motivo pelo qual se tornou bandeira de Antônio Rogério Magri, líder dos eletricitários de São Paulo, e ganhou força com a eleição, em junho último, de Luiz Antônio Medeiros para a presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo.

Ao contrário do velho, o novo sindicalismo é apartidário e não contesta o sistema capitalista. Ele atua com um grande sentido de realismo. Por exemplo, critica a inscrição da estabilidade no emprego na nova Constituição, primeiro porque sabe que a proposta não passará e, em segundo lugar, porque afugentará os investimentos. Sem outra opção, a classe trabalhadora acabará ficando também sem a garantia no emprego. Azevedo também aponta o equívoco da fixação constitucional da jornada semanal de trabalho em 40 horas. "Esse é um problema de mercado, de desenvolvimento tecnológico e civilizatório", argumenta.

## Pelas próprias pernas

No fundo, o novo sindicalismo defende que os sindicatos caminham pelas próprias pernas, deixando de ser instrumentalizados pelos partidos e grupos políticos. A esse anseio da classe trabalhadora, Azevedo atribui a recente vitória de Luiz Antônio, que fez da apartidarização um dos pontos altos de sua campanha eleitoral. Nessa concepção, os sindicatos é que devem usar os partidos políticos e não o inverso. O velho e o conservadorismo, no entender de Azevedo, são os principais obstáculos para o avanço da nova concepção.

**Pode-se afirmar que está em curso hoje no Brasil um sindicalismo de novo tipo?**

Sem dúvida. Nos últimos 10 anos, surgiu no Brasil o trabalhador livre, distante do governo e das empresas, sem o sonho do paternalismo getulista e que passou a exigir um sindicato de novo tipo, não mais assistencialista. Isto foi em parte provocado pela perda da expectativa de ele se tornar pequeno empresário, liquidada a partir de 1966, com o fim da estabilidade e adoção do FGTS, do modelo exportador da modernização da economia. Hoje, ele não aceita mais o velho sindicato jurídicista, burocrático e assistencialista. O aparecimento de lideranças com essa visão surge no final da década passada, como o Lula, o Magri e o Luiz Antônio, que representam a eclosão desse novo sindicalismo, do sindicalismo de resultados.

**Quais são as características desse novo sindicalismo?**

Primeiro o autonomismo. O sindicato que pensa pelas próprias pernas, que elabora sua tática e sua estratégia. A segunda é que ele assume o sindicato enquanto sindicato, como instrumento de repro-

dução ampliada e modernizadora do capitalismo, redistribuidor de renda e organizador por excelência da dignidade profissional do trabalhador.

**Por que só neste momento ele está ganhando projeção?**

O espaço concedido ao novo sindicalismo no surgimento do Lula foi muito maior que o dado agora ao Luiz Antônio e ao Magri. Com a eleição do Luiz Antônio, da maneira como se deu, o novo ganhou mais consistência e nitidez. Ele se instalou no maior sindicato da América Latina. A sociedade, sedenta de mudanças, passou a identificar o fenômeno e a prestigiar. Mas, os dois acontecimentos, Lula e Luiz Antônio, fazem parte do mesmo contexto. Ocorre que a articulação demora para amadurecer. A presença da Igreja, dos partidos de esquerda e da própria pequena burguesia, que se proletarizou no início desta década, são fatos perturbadores e ocultadores dessa emergência.

**Mas há diferenças entre o novo sindicalismo de Lula e o de Luiz Antônio e Magri.**

A diferença é o rumo que Lula tomou. Por força do período em que ele despontou, a ação sindical tinha duplo aspecto. Ele funcionava como novo sindicalismo e, ao mesmo tempo, como embrião de partido político para acelerar a transição democrática. Duas coisas da maior importância. Lula optou pelo partido político, ao sustentar a sub-legendagem do senador Fernando Henrique Cardoso em 1978 — a chamada tendência popular da época, que teve 1,2 milhão de votos. Na eleição de governador de 1982, Lula, candidato, teve, pelo PT, 1,2 milhão de votos. Essa opção excluiu Lula do novo sindicalismo. Ele foi líder do processo de formação de um novo Partido Comunista (PC) que é o PT.

**Lula, no seu surgimento, contestava o sistema e defendia o greve, coisas que Luiz Antônio e Magri não fazem.**

A primeira fase do Lula se caracteriza pela brilhante tática de negociar em separado com as montadoras, visando a melhorar os resultados da negociação coletiva. Se negociasse no bojo da Federação dos Metalúrgicos, ele se igualaria ao metalúrgico da indústria de fundo de quintal do interior. Nessa primeira fase, havia o objetivo pragmático do resultado. Com a partidização do Lula, o sindicato passa a ser prioritariamente um instrumento de oposição ao governo e de contestação ao sistema. Tanto que a primeira prova disso foi a greve de 41 dias pela estabilidade, cuja vitória implicaria uma desarticulação do regime capitalista.

**Joaquim dos Santos Andrade, o Joaquim, não personificava, após a abertura, o novo sindicalismo?**

Ele foi muito mais um instrumento de conformação e surgimento do novo sindicalismo, mas jamais a sua personificação. Ele é um autêntico líder sindical getulista, talvez o mais representativo de todos. A prática sindical do Joaquim foi essencialmente voltada para o desenvolvimento de um sindicato de tipo velho. Tanto que ele é aposentado como vogal do trabalho e o seu método de ação não inclui a porta de fábrica. A sua profunda identidade com o trabalhador, a sua honestidade pessoal e a sua sensibilidade política fizeram com que abrisse as portas do sindicato a várias tendências, inclusive ao novo sindicalismo.

**O novo sindicalismo vai encontrar espaço?**

Tudo que é velho está sendo superado. O velho Estado cartorial e o sindicalismo partidariado estão cedendo lugar à modernidade. Na Europa, também ocorre o mesmo fenômeno. Na Inglaterra, o velho sindicalismo é tão inadequado para as novas práticas sociais e econô-

micas que recentemente sofreu uma derrota do governo, a tal ponto que eliminou a nacionalização das empresas privatizadas da sua plataforma.

**Quais são as dificuldades dessa nova concepção sindical?**

O velho e o conservador. Entre nós, porque o velho no Brasil assume uma nova roupagem. A concepção de pluralismo sindical da CUT já foi superada em outros países onde se caminha para o princípio da unicidade. Na Alemanha, por exemplo, o sindicalismo está florescendo com esse conceito. Essa imagem "modernosa" da CUT não esconde a opção extremamente velha que fez.

**O Jair Meneguelli diz que o Magri defende tais posições em função de sua ligação com o sindicalismo americano.**

Acho que ele tem razão no sentido de que, quando Lula apresentou a idéia da negociação em separado com as montadoras, lançou no sindicalismo brasileiro o elemento tático mais significativo do sindicalismo americano que é a criação do paradigma. Em vez de buscar unidade formal, você isola a situação mais favorável. No caso de São Bernardo, era preciso isolar a negociação com as montadoras, empresas que tinham mais lucratividade. Depois, você generaliza, aplicando o princípio da isonomia. É bom lembrar que, nessa época, Lula se encontrou com Lech Walesa, o líder do Solidariedade poloneses. Na verdade, o Lula é que projetou o sindicalismo americano no Brasil.

**Com que armas o novo sindicalismo pretende enfrentar a recessão?**

Se você impedir que idéias malucas inviabilizem o investimento empresarial, já é um bom começo. Se houver uma onda de desemprego, será uma tragédia. Aí estará caracterizada a selvageria e, diante dela, nos reservaremos o direito de ser selvagens também. Não quero nem pensar nessa hipótese. Está todo mundo torcendo para que o Plano Bresser dê certo — ninguém fala isso porque essa expressão, hoje, está queimada.

**Qual é o sentido do namoro do Luiz Antônio e do Magri com a Fiesp?**

A Fiesp convidou o Meneguelli, o d. Paulo, o Brizola e o Luiz Antônio para uma série de diálogos com Mário Amato. Nunca fomos contra o diálogo e esperamos que ele venha a dar melhor resultado.

**Como fazer a classe trabalhadora aceitar idéias opostas às que o sindicalismo brasileiro tradicionalmente defende, como a estatização da economia, a reforma agrária etc...?**

As reuniões congressuais, onde dominam os militantes partidários, sempre impuseram plataformas que nem sempre correspondem aos interesses do trabalhador, mas que têm um caráter revolucionário no padrão leninista. Por exemplo, a proposta de estatização está no contexto da estatização de toda a economia. O princípio de unicidade não está no contexto de dar força reivindicatória para o trabalhador, mas no de propiciar uma administração totalitária dos sindicatos pelo governo no padrão socialista. A reforma agrária se inscreve numa aliança mecânica operário-campones, de estilo clássico bolchevique, não tendo relação com produção e barateamento dos alimentos. Os trabalhadores e suas necessidades estão muito distantes disso tudo.